

ANÁLISE DO IMPACTO DA FALTA DE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NA VIDA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Karine Coelho Almeida - kc.almeida@discente.ufma.br

Fernanda Paes Arantes - fernanda.arantes@ufma.br

* Submissão em: 02/03/2026 | Aceito em: 31/01/2026

RESUMO

O baixo nível de alfabetização financeira entre os jovens é um problema crescente e que causa preocupação dada a sua importância para o desenvolvimento econômico. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o nível de alfabetização financeira dos jovens e seu impacto no desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis e conscientes. Utilizando uma abordagem quantitativa, foram coletados dados de 231 jovens universitários, através de um questionário on-line. Os resultados indicam que a influência dos pais e pouco contato com assuntos financeiros na escola são os principais fatores causadores da falta de alfabetização financeira. Conclui-se que a alfabetização financeira deve ser tratada como uma prioridade urgente garantindo o bem-estar financeiro e social dessa e das próximas gerações.

Palavras-chave: Alfabetização financeira; Educação financeira; Jovens; Universitários.

ANALYSIS OF THE IMPACT OF FINANCIAL LITERACY LACK ON THE LIVES OF YOUNG UNIVERSITY STUDENTS

ABSTRACT

The lack of financial literacy among young college students is a growing problem that affects individual and social well-being. The objective of this study is to analyze how the lack of financial literacy among young college students impacts the development of healthy and conscious financial habits when they begin their professional careers. Using a quantitative approach, data were collected from 231 young college students, aged 18 to 29, through an online questionnaire. The results indicate that most young people have an average level of financial literacy. Parental influence, little contact with financial matters at school, and educational inequality are the main factors identified as causing the lack of financial literacy. It is concluded that financial literacy should be treated as an urgent priority, and that public policies should promote the inclusion of content in schools and universities, as well as educational programs for parents. This will ensure the financial and social well-being of this and future generations, with better habits and much better prepared to begin their professional careers in an increasingly complex market.

Keywords: Financial literacy; Financial education; Young university students.

1 INTRODUÇÃO

A entrada dos jovens no mercado de trabalho é um momento muito importante no início da vida adulta. O início da jornada profissional para muitos deles é o primeiro contato relevante com dinheiro e a responsabilidade de gerenciar sua própria renda. Em geral, a primeira remuneração é baixa, pois grande parte desse grupo inicia no mercado de trabalho como estagiário, com remuneração inferior a um salário mínimo.

Ao longo dos anos, muitos pesquisadores estudaram a importância da educação financeira pessoal e a ampliação necessária destes conhecimentos e, pela falta disso, acredita-se que a pouca instrução é um dos fatores que contribuem para uma crise econômica no país, e do bem-estar social (Pabis; Hocayen-da-Silva, 2022).

Quando se trata de finanças, todos têm o seu jeito de lidar e organizar, mas isso não constitui necessariamente a parte prática da educação financeira, pois segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a educação financeira é um processo para entender os produtos e conceitos, através de informação, instrução e aconselhamento, para se sentir mais confiante quando for tomar decisões mais conscientes e melhorar seu bem estar financeiro (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

Similar ao conceito anterior, mas pouco conhecido, tem-se a alfabetização financeira, que é um pouco mais profunda e está focada no conhecimento adquirido, no comportamento habitual na gestão financeira e nas atitudes em relação às prioridades (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

A relevância deste tema tem aumentado devido a transcendência da educação financeira ter ultrapassado o âmbito privado e tornou-se uma pauta de política pública em nível nacional. É cada vez mais claro que as escolhas financeiras individuais têm impactos significativos na economia coletiva do país. Por conseguinte, há um consenso na sociedade sobre a necessidade de integrar o ensino de finanças pessoais no currículo escolar, como uma medida essencial para mitigar os desafios de endividamento enfrentados por muitos em todo o mundo (Medeiros; Lopes, 2014). Diversos estudos destacam como a baixa alfabetização financeira pode tornar o indivíduo mais propenso a ter problemas com dívidas (Mette, 2015; Silva G. O. *et al.*, 2017).

A OCDE (2020) constatou que os jovens entre 18 e 29 anos apresentam conhecimentos financeiros mais baixos e comportamentos menos prudentes em relação a outras faixas etárias. Apesar da existência de numerosos estudos sobre alfabetização financeira, existe uma lacuna na discussão desse tema no contexto específico dos jovens universitários. Neste grupo, grande parte dos indivíduos

está tendo contato com o primeiro emprego e com o gerenciamento da sua própria renda, sem depender diretamente do dinheiro dos pais ou responsáveis. Eles estão entrando em um novo campo de perspectiva, onde as pessoas que trabalham possuem maior conhecimento financeiro (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021; Méndez-Prado *et al.*, 2023), pois precisam aprender a gerenciar suas finanças da melhor maneira.

O ensino de finanças em diversas fases da vida desempenha um papel crucial no desenvolvimento da capacidade dos jovens de enfrentarem desafios financeiros com mais facilidade (Ferreira; Castro, 2020). Sem essas instruções, os jovens adultos frequentemente têm menor educação financeira e tendem a gastar a maior parte de seus rendimentos em consumo, em vez de investimentos, expondo suas poucas habilidades financeiras e resiliência em questões monetárias (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

Johan, Rowlingson e Appleyard (2021) ressaltam que as gerações mais jovens enfrentam desafios financeiros consideráveis nos dias de hoje. Análises demonstram que esses jovens apresentam índices de endividamento mais elevados, fazem um uso mais frequente de cartões de crédito e tendem a atrasar o pagamento de contas em comparação com gerações anteriores na mesma fase da vida. Ademais, observa-se um acesso mais facilitado ao crédito e uma postura mais tolerante em relação à dívida, fatores que podem agravar os desafios financeiros enfrentados pelos jovens.

Existem programas de ensino que são aplicados de várias formas, porém ainda há uma grande necessidade de ampliar o alcance para novos territórios com o intuito de atingir a todas as pessoas, como aquelas com pouco estudo ou em áreas menos populosas. Mesmo não havendo uma escala fixa que avalie essas estratégias ao redor do mundo (Méndez-Prado *et al.*, 2023), é possível perceber que os indivíduos que recebem educação financeira se destacam em situações nesse contexto facilitando suas decisões e aumentando seu bem-estar.

Sendo assim, promover uma maior conscientização e competência financeira entre os jovens, não se trata apenas de desenvolvimento pessoal, mas contribui para uma sociedade mais resiliente e economicamente estável (Silva; Valadão, 2017), capacitada para tomar decisões responsáveis e a longo prazo.

Dessa maneira, surge o questionamento: “Como a potencial falta de alfabetização financeira dos jovens universitários, pode impactar o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis e conscientes ao iniciarem suas trajetórias profissionais?”

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alfabetização financeira

A alfabetização financeira tem sido reconhecida como uma habilidade essencial para o sucesso pessoal e profissional em um mundo cada vez mais complexo e interconectado. Apesar da contribuição positiva da educação financeira, muitos jovens ainda enfrentam desafios que se formam como uma rede de preocupação sobre as decisões futuras influenciadas pelas escolhas do passado e do presente, seus objetivos pessoais e profissionais. A compreensão destes conceitos é fundamental para permitir que as pessoas tomem decisões mais convenientes sobre o seu dinheiro.

Segundo a OCDE (2020), a alfabetização financeira envolve três aspectos distintos: conhecimento, comportamento e atitude, que quando são usados da melhor forma, auxiliam no alcance do bem-estar financeiro. O conhecimento financeiro se refere ao nível de informação que o indivíduo possui dentro do contexto financeiro e a capacidade de aplicá-los, bem como a utilização de competências numéricas quando necessário (Méndez-Prado *et al.*, 2023). Esse conhecimento é normalmente adquirido ao longo da vida, pelas experiências vividas, ensinamentos familiares, estudo em finanças, entre outros. A falta desse conhecimento ainda é vista na sociedade e, por conta disso, muitas pessoas têm dificuldade em tomar decisões financeiras (Medeiros; Lopes, 2014; Niehue, 2023).

Quando há uma verdadeira preocupação em educar financeiramente a sociedade em geral, surgem resultados positivos, como a criação do hábito de poupar e até investir, ou ainda realizar ações que parecem simples como comparar produtos e serviços para escolher a opção mais favorável (Zaimovic *et al.*, 2023). Em suma, é “a capacidade dos indivíduos de obter, compreender e avaliar as informações financeiras, as quais são necessárias para a tomada de decisão eficaz, visando à gestão adequada do futuro financeiro do indivíduo” (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

O comportamento financeiro, estuda como o indivíduo se comporta em momentos que precisa de uma decisão financeira. Envolve aspectos como seus hábitos de poupança e de consumo, planejamento pessoal, entre outros. Dependendo da sua relação com esses aspectos é possível perceber o nível de alfabetização financeira, o qual, quanto maior, maiores serão as chances de alcançar o bem-estar financeiro (Zaimovic *et al.*, 2023; Méndez-Prado *et al.*, 2023). Segundo Mireku, Appiah e Agana (2023), o comportamento do indivíduo é fortemente influenciado pelo nível de alfabetização financeira. Nesse contexto, é importante compreender suas preferências, percepções, conhecimentos sobre educação financeira e fatores psicológicos, pois podem ser determinantes durante as tomadas de decisão.

A atitude financeira representa a combinação das emoções do indivíduo e suas ações em relação às finanças. Essa combinação é baseada em suas crenças, opiniões e sentimentos, revelando o grau de planejamento para poupança ou gasto, explicitando as preferências e orientações do indivíduo em situações financeiras (Trento; Baum, 2020; Zaimovic *et al.*, 2023). Além das atitudes pautadas em crenças e emoções, as decisões dos indivíduos também podem ser fortemente influenciadas por outros fatores como a área de estudo, a experiência profissional e a discussão sobre dinheiro em família (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021).

As atitudes podem ser momentâneas ou tornarem-se habituais, reafirmando seu papel de serem preditoras do comportamento financeiro. Isso inclui comportamentos como a propensão para economizar ou gastar, a reação a riscos financeiros e a preferência por determinados tipos de investimentos ou estratégias financeiras (Trento; Baum, 2020). Assim, entender a atitude financeira é crucial, pois ela pode determinar as escolhas financeiras do indivíduo, impactando diretamente no seu bem-estar econômico a longo prazo.

Estes três conceitos abordados formam a capacidade financeira do indivíduo, apoiando o desenvolvimento de decisões mais eficazes. Todo o conhecimento adquirido somado a atitudes positivas, resultarão em um comportamento responsável. Isso reduzirá a vulnerabilidade a más escolhas e aumentará o nível de estabilidade econômica tanto para o indivíduo quanto para a sociedade (Johan, Rowlingson; Appleyard, 2021; Zaimovic *et al.*, 2023; Mireku; Appiah; Agana, 2023).

2.2 Importância da educação financeira para jovens

Com o aumento da interação dos jovens com questões financeiras, a alfabetização financeira é crucial para o crescimento e futuro de cada um. A alfabetização financeira capacita os indivíduos a terem conhecimento financeiro, de modo que consigam aplicar na sua vida e auxiliem nas avaliações dos produtos e tomadas de decisão (Mireku; Appiah; Agana, 2023), sendo um suporte para um planejamento eficaz que resulte na maximização dos ganhos.

Ao buscarem informações sobre o assunto, os indivíduos obterão conhecimento sobre o sistema financeiro e temas relacionados, deixando-os suficientemente informados para que possam julgar questões financeiras. Assim, estarão menos vulneráveis a realizar más escolhas de investimentos, evitar dívidas, gerir adequadamente contas bancárias e até preparar planos financeiros entre outros, podendo ser considerados alfabetizados financeiramente (Mireku; Appiah; Agana,

2023). Estes planos podem começar dentro do próprio orçamento pessoal e familiar que não exige cálculos complexos, mas uma grande disciplina, sacrifícios e renúncias (Medeiros; Lopes, 2014).

Porém, como mostram alguns estudos, não são todos os tipos de pessoas que sabem usar da forma certa os conhecimentos financeiros. Geralmente, o maior nível de alfabetismo está entre os adultos, universitários e homens. Já os jovens, idosos, mulheres, desempregados, entre outros estão entre os menos alfabetizados financeiramente, e quanto mais baixo o entrosamento com o assunto, mais alto o nível de dívidas e problemas familiares, sociais, econômicos, e outros mais (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021; Méndez- Prado *et al.*, 2023; Mireku; Appiah; Agana, 2023; Zaimovic *et al.*, 2023).

A importância da alfabetização financeira para os jovens consiste na ideia de que eles são como os motores da economia nacional, contribuindo positivamente ao gerir, investir e poupar da forma correta (Zaimovic *et al.*, 2023). Ademais, há aqueles com níveis mais elevados de conhecimento financeiro que possuem intenções empreendedoras, outra força impulsionadora para a economia, e quanto maior a familiaridade com a alfabetização financeira maior é o seu desempenho (Mireku; Appiah; Agana, 2023).

Uma das teorias relacionadas ao assunto é a Gestão do Recursos Familiares, que estuda a influência do trato das finanças no ambiente familiar no comportamento financeiro do jovem. Os pais são os principais agentes de influência sobre os filhos, e espera-se que reservem um tempo para discutir sobre dinheiro e ensinar os filhos a usar com sabedoria. Grande parte das melhores pontuações financeiras dos indivíduos, advém de uma boa gestão familiar, pois é comum que os filhos imitem os pais, principalmente quando tem limitadas informações e percepções que poderiam ser adquiridas através da educação (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021; Medeiros; Lopes, 2014; Mireku; Appiah; Agana, 2023).

Contudo, muitos pais também não possuem um nível satisfatório de conhecimento financeiro e podem transferir aos filhos os seus maus hábitos, impactando na qualidade de vida deles e da economia nacional, restando às instituições públicas e privadas a responsabilidade de incluir esse conhecimento na grade curricular (Floriano; Flores; Floriano, 2020).

Essas situações estão relacionadas à percepção das pessoas em relação ao dinheiro, e em como é percebido o seu valor monetário, guiando atitudes e comportamentos. A ênfase dada ao dinheiro é como uma engrenagem que move o mundo, pois os indivíduos recebem estímulos que o influenciam a consumir (Trento; Baum, 2020).

Ferreira e Castro (2020), se posicionaram em relação à educação financeira, que é essencial para ensinar aos indivíduos desde crianças, para que se tornem estudantes habilitados e posteriormente, adultos bem planejados. Uma pesquisa realizada em 2020 por eles, constatou que quando a pessoa não pratica educação financeira pode impactar na sua qualidade de vida, causando problemas emocionais, familiares e na saúde física. Desta forma, a educação financeira se torna um caminho de grande valia para alcançar a alfabetização financeira, pois transmite o conhecimento necessário para que se possa chegar à aplicação prática (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

2.3 Organização e estratégias para educação financeira

Segundo uma pesquisa guiada pela Associação de Educação Financeira do Brasil (2021), a OCDE e sua Rede Internacional de Educação Financeira (INFE) desempenham um papel fundamental na promoção da educação financeira em todo o mundo. Suas iniciativas visam apoiar os países na elaboração e implementação de estratégias nacionais voltadas para a educação financeira, reconhecendo-a como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento econômico e a estabilidade financeira.

Em 2012, desenvolveram princípios que foram aprovados para que fosse registrado o compromisso global promovendo a educação financeira. Desde então, a OCDE estava em 110 países até 2021, onde os governos reconhecem a importância da divulgação desse conhecimento para que sejam tomadas decisões financeiras de maneira informada e responsável.

Outra contribuição significativa da OCDE para o campo da educação financeira são os relatórios periódicos do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), que fornecem *insights* sobre o desempenho dos alunos em educação financeira. No Brasil, por exemplo, 10.691 estudantes participaram da avaliação do PISA em 2018, fornecendo dados valiosos sobre o nível de conhecimento financeiro entre os jovens do país. O resultado divulgado em 2020, mostrou que o país apresenta baixa proficiência em leitura, matemática e ciências, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação. A publicação revelou ainda que 68,1% dos estudantes brasileiros com 15 anos de idade não possuem nível básico de matemática, o mínimo exigido para o exercício pleno da cidadania (ENEF, 2021).

Em suma, a OCDE desempenha um papel crucial na promoção da educação financeira em escala global, fornecendo diretrizes, ferramentas e monitoramento para apoiar os esforços dos países

na construção de sociedades mais financeiramente alfabetizadas, resilientes e estabilizadas (Zaimovic *et al.*, 2023).

De forma mais localizada, tem-se no país a proposta já implementada da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) que foi resultado de 18 meses de trabalho de um grupo, tendo como objetivos promover e fomentar a cultura de educação financeira no Brasil, ampliar a compreensão do cidadão para que possa fazer escolhas conscientes na administração de seus recursos, e contribuir para a eficiência e solidez do mercado financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.

A criação da ENEF ocorreu em um contexto histórico marcado pela crise financeira internacional, levando o governo e a sociedade organizada a adotarem medidas para mitigar seus efeitos no país. No entanto, o tema já vinha sendo debatido devido ao crescimento do mercado bancário e à expansão da inclusão financeira. A crise de 2008, com o estouro da bolha imobiliária nos Estados Unidos, evidenciou a importância da educação financeira para a estabilidade econômica, destacando a necessidade de capacitar a população na tomada de decisões financeiras para garantir a saúde do mercado (ENEF, 2021).

Buscando promover a propagação dos conhecimentos financeiros para as diferentes camadas da sociedade através da iniciativa pública e privada, uma das políticas é oferecer educação financeira nos currículos escolares e, além de receber ajuda com a parte teórica, também é importante colocar em prática o que foi aprendido para que o sistema realmente seja considerado eficaz (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

A aplicação dessa ideia se tornou o foco da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (...)”, sendo aplicado exclusivamente na educação escolar (Brasil, 2017). No entanto, uma preocupação relevante é que este documento só foi homologado no ano de 2017 e complementado em 2018, o que significa que a geração de jovens e adultos atuais não tiveram a oportunidade de receber a educação regulamentada pelo mesmo. Assim, muitos indivíduos podem ter lacunas significativas em sua formação educacional, especialmente em áreas consideradas essenciais pela BNCC, como competências socioemocionais, habilidades digitais e educação financeira.

Desta forma, é importante que sejam desenvolvidas estratégias educacionais inclusivas que alcancem todos os segmentos da população, proporcionando soluções eficazes para o problema e

garantindo que tanto jovens quanto adultos tenham acesso às habilidades e conhecimentos necessários para estarem mais preparados para o futuro.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui a natureza aplicada com o intuito de reunir novos conhecimentos na área de estudo financeiro, através da abordagem quantitativa. O método para coleta de dados foi através de um questionário que contém quatro seções, sendo as três primeiras relacionadas aos três aspectos distintos da alfabetização financeira e a quarta sobre aspectos sociodemográficos. Esse questionário foi compartilhado através das redes sociais, explicando a finalidade da pesquisa e informando que é possível responder em momentos mais favoráveis para que a resposta represente a realidade do indivíduo.

A utilização desse instrumento de coleta contribui de várias formas com a pesquisa, economizando tempo por alcançar várias pessoas ao mesmo tempo de várias áreas geográficas sem precisar deslocar-se, obtendo grande número de dados de forma rápida, segura e precisa. Também proporciona respostas mais sinceras, sem distorção pela presença do pesquisador e, evitando o constrangimento sabendo que as respostas serão tratadas de forma totalmente anônima. E ainda, pode ser feito em vários momentos mais favoráveis sem atrapalhar os compromissos das pessoas, contando com resultados mais uniformes em virtude da natureza impessoal do instrumento (Oliveira *et al.*, 2016).

O público alvo dessa pesquisa são os jovens universitários, com idade entre 18 a 29 anos, com renda salarial de até 2 salários mínimos, sem fazer distinção quanto ao local de trabalho, instituição de ensino ou curso.

O questionário desta pesquisa foi desenvolvido com base na revisão sistemática da literatura, combinando itens de pesquisas já existentes com outros elaborados a partir das definições encontradas na literatura para complementar a avaliação em cada uma das dimensões analisadas. Na dimensão de conhecimento financeiro, foi adotado o questionário utilizado por Mendonça (2024). Na dimensão de atitude financeira, os itens 1, 2, 3 e 4 são de Vieira, Moreira Júnior e Potrich (2020), itens 5, 6, 7 e 11 são de Trento e Braum (2020), itens 10 e 12 de Shih e Ke (2014) e os itens 8 e 9 de elaboração própria. Os itens de comportamento financeiro são todos da escala proposta por Vieira, Moreira Júnior e Potrich (2020), exceto o item 3 que é de elaboração própria.

A análise dos dados será feita com base em estatística descritiva para auxiliar na compreensão da relação entre as variáveis e seus efeitos na vida dos jovens universitários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

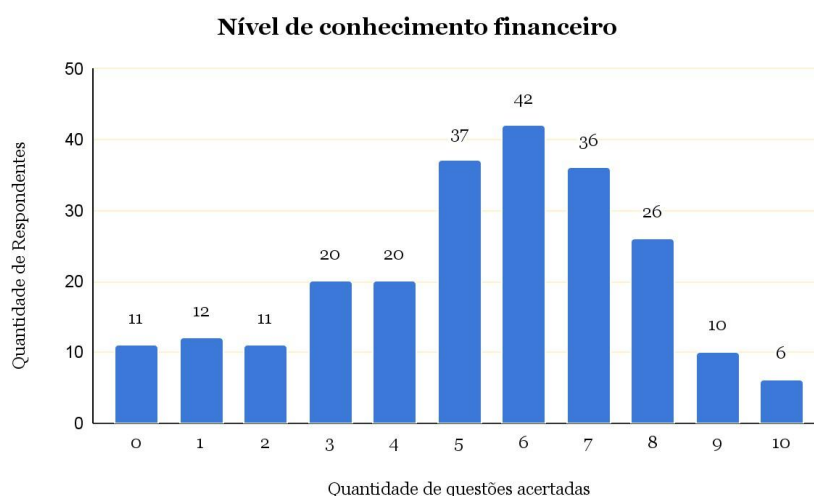
A pesquisa foi aplicada com o público universitário de forma geral sem restringir idade, curso ou renda. Após a coleta e a organização dos dados em planilha, foram filtradas as respostas daqueles que possuíam até 2 salários mínimos e, estavam na faixa etária entre 18 e 29 anos, semelhante ao grupo estudado pela OCDE em 2020. O total obtido após o filtro foi de 231 respondentes compatíveis com o recorte selecionado.

O questionário está dividido em três aspectos distintos da alfabetização financeira: conhecimento, atitude e comportamento. Cada dimensão é analisada com o propósito de identificar dificuldades e padrões de pensamento que contribuíram para a compreensão do nível de alfabetização financeira dos jovens universitários, conectando os resultados ao objetivo do trabalho.

4.1 Resultados sobre o aspecto do conhecimento financeiro

Os dados sobre o conhecimento financeiro foram analisados com base nas respostas de dez questões. O Gráfico 1 apresenta o quantitativo de respondentes que acertaram a questão, sendo que no eixo X está uma contagem de 0 a 10 para que seja possível identificar quantas questões foram acertadas, e no eixo Y a quantidade de respondentes.

Gráfico 1 – Média de acertos sobre o aspecto do conhecimento financeiro



Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa

Na primeira questão, o enunciado trazia a seguinte situação: “Imagine que a alíquota aplicada à sua caderneta de poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação é de 10% ao ano. Depois de um ano, quanto você conseguirá comprar com o dinheiro dessa conta?”. A resposta certa era que conseguiria comprar menos do que é hoje (alternativa C), 56,28% dos jovens acertaram a questão, mas 29% ainda responderam “não sabe”. O alto número de respostas incorretas indica a dificuldade em compreender os impactos da inflação sobre o poder de compra.

Na segunda questão, este era o enunciado: “Normalmente, qual ativo apresenta as maiores flutuações ao longo do tempo?”. A resposta certa estava na alternativa B, onde são as ações que apresentam essas flutuações. O percentual de jovens que acertaram foi 75,75%, enquanto a outra alternativa com maior número de respondentes foi ‘não sabe’, com 11,69%. O nível de acerto sugere que muitos jovens possuem noções sobre riscos do mercado financeiro.

Na terceira questão, o jovem deveria completar a seguinte frase com a alternativa correta: “Quando um investidor distribui seus investimentos entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro?”. A resposta certa estava na alternativa B, ou seja, que diminui, e 72,29% dos jovens acertaram, enquanto 30 achavam que aumentaria e 24 escolheram ‘não sabe’. Ou seja, isto sugere que a distribuição de investimentos é parcialmente compreendida, sendo um parâmetro para identificar indivíduos com maior nível de educação financeira (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

Seguindo para a quarta questão, o enunciado é: “Um empréstimo com prazo de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais mais elevados do que um empréstimo de 30 anos, mas o valor total dos juros pagos no final do empréstimo será menor”. As alternativas disponíveis pediam que escolhessem ‘verdadeiro’, ‘falso’ ou ‘não sabe’, e 60,17% escolheram a alternativa certa de que essa afirmação era verdadeira e 24,67% disseram que era falso. A diminuição de acertos mostra que a relação entre empréstimos e juros ainda causa dúvidas nos jovens.

Na quinta questão a pergunta é: “Como saber se é mais vantajoso amortizar um empréstimo/financiamento ou investir o dinheiro e continuar pagando as parcelas mensalmente?”. As alternativas mais escolhidas foram: b) Comparando a taxa de juros do empréstimo com a taxa de juros de onde investiria o dinheiro; c) Comparando o custo efetivo total (CET) com a taxa de juros de onde investiria o dinheiro. Sabendo que a resposta certa é a letra C, observa-se que apenas 16,88% dos jovens acertaram, enquanto 38,1% escolheram pela alternativa B. Essa questão mostra como está baixo o entendimento dos jovens sobre a análise de juros em contratos, cartões de crédito etc., e como existe uma lacuna na educação financeira sobre essa análise.

Na sexta questão o que se busca saber é “Qual das opções abaixo NÃO é considerado um título de renda fixa?”. Os jovens que escolheram a alternativa correta, em que os fundos imobiliários não eram considerados títulos de renda fixa, representaram 63,64%, enquanto outros 20,35% não sabiam. Apesar da maioria ter acertado, observa-se que o tema é menos compreendido por muitos.

As questões a seguir, apresentam o formato em que a partir de uma frase os respondentes decidem se a sentença é verdadeira, falsa ou que não sabem. A sétima questão trazia o enunciado: “Os juros auferidos em contas poupança são isentos de impostos”. Considerando que a afirmação é verdadeira, apenas 32,47% acertaram, 37,23% acreditavam que era falsa e os demais não sabiam qual seria a resposta.

A oitava questão traz a seguinte situação: “Investir \$1.000 por ano durante 10 anos renderá a mesma quantia de dinheiro que investir \$2.000 por ano durante 5 anos se a taxa de juros for a mesma para ambos os investimentos”. Um total de 123 jovens, que representam 53,25%, acertaram ao responder que é uma sentença falsa, porém 24,67% escolheram que era verdadeira.

Na nona questão esta é a afirmação: “É financeiramente vantajoso pedir dinheiro emprestado para investimento se a taxa de juros do empréstimo for inferior ao retorno esperado”. Sabendo que a frase apresentada é verdadeira, os resultados indicam que 48,48% dos jovens acertaram, enquanto 27,27% escolheram ‘não sabe’.

As três últimas questões apresentaram um cenário envolvendo juros em poupança, investimento e empréstimo, com baixa quantidade de acertos na primeira e aumento nas duas seguintes, tendo também um alto número de jovens que responderam a opção ‘não sabe’. Assim, observa-se que o conhecimento sobre juros é deficiente e poderia ser incluído nos currículos universitários disciplinas de educação financeira.

E por fim, a décima questão, “No longo prazo, as pessoas podem esperar ganhar mais dinheiro investindo em ações do que investindo dinheiro em títulos públicos”. Mais uma vez a sentença é verdadeira e 49,35% dos respondentes acertaram a questão, contudo 24,24% considerou erroneamente que a afirmação era falsa.

Assim, como pode ser observado no Gráfico 1, a maioria dos respondentes acertou entre 5 e 7 questões com um pico de 6 acertos por 42 jovens (18,18%). Em contrapartida, apenas 6 jovens, representando 2,60% da amostra, acertaram todas as 10 questões. Outra quantidade em destaque é que 11 jovens, 4,76% da amostra, não acertaram nenhuma questão.

Um ponto interessante que pode explicar o resultado, é o alto índice de respostas classificadas como ‘não sabe’, mostra como os jovens desconhecem certos assuntos que deveriam estar presentes

no cotidiano de todos. Essa falta de familiaridade com os conceitos, cálculos e percentuais da economia, aponta para uma necessidade maior de investimento em educação financeira, inclusive nas instituições de ensino superior. Integrar conteúdos relevantes nos currículos acadêmicos e promover atividades práticas que desenvolvam habilidades financeiras pode ter um impacto significativo (Ansar *et al.*, 2023).

Os resultados corroboram com a pesquisa feita em 2020 pela OCDE, em que os jovens entre 18 e 29 anos apresentam conhecimentos mais baixos. Para alcançar este conhecimento o indivíduo precisa desenvolver “a capacidade de obter, compreender e avaliar as informações financeiras, as quais são necessárias para a tomada de decisão eficaz, visando à gestão adequada do futuro financeiro”, reforçando o que Floriano, Flores e Zuliani (2020) disseram.

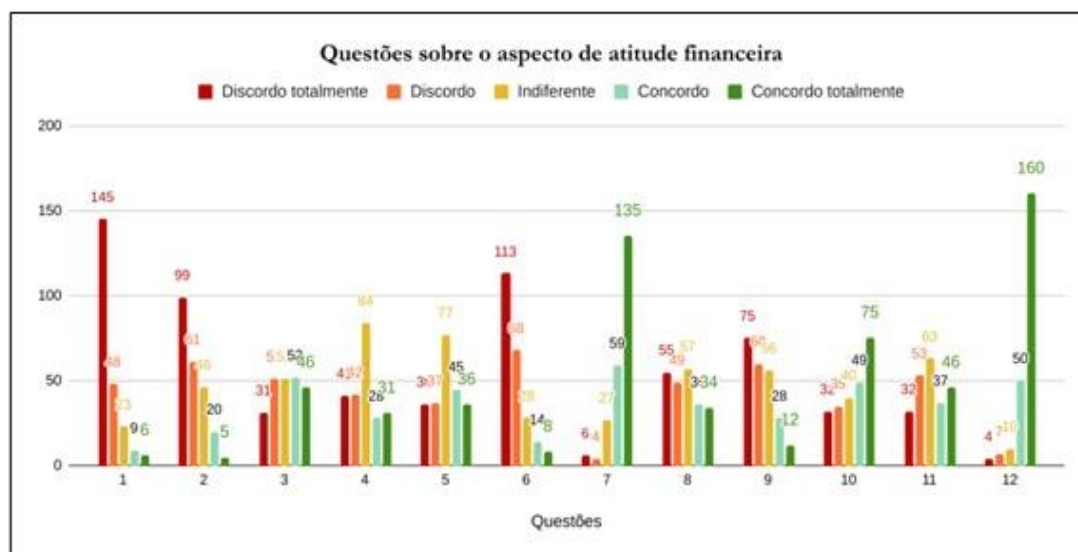
Mendonça (2024), conduziu um estudo similar em que realizou uma pesquisa com grupos de várias faixas etárias, dentre eles os que possuíam entre 18 a 29 anos. Ele identificou que este grupo apresentou a menor média de avaliação no aspecto do conhecimento financeiro, adicionando embasamento para este tema. Pesquisas anteriores destacam os jovens como um grupo vulnerável devido ao fácil acesso ao crédito, estando no grupo vulnerável em termos de educação financeira, conforme OCDE (2020).

É importante lembrar que este grupo é o que mais movimenta a economia e estão correlacionados com uma maior intenção empreendedora e sucesso empresarial, por isso, é preciso desenvolver estratégias específicas para orientá-los (Zaimovic *et. al.*, 2023).

4.2 Resultados sobre o aspecto de atitude financeira

As atitudes financeiras foram analisadas com base no nível de concordância dos respondentes a partir de informações relacionadas à gestão do dinheiro. O Gráfico 2 apresenta as respostas que variam entre 5 níveis: discordo totalmente, discordo, indiferente (não concordo nem discordo), concordo e concordo totalmente. A partir da visualização desse gráfico, nota-se que a maioria das questões possui respostas bem distribuídas, caracterizando a diversidade de pensamento dos jovens. Cada questão será analisada individualmente para melhor entendimento dos dados.

Gráfico 2 – Respostas das questões sobre o aspecto de atitude financeira



Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa.

Na primeira, a afirmativa é “Não me preocupo com o futuro, vivo apenas o presente”. O percentual de jovens que discordaram totalmente dessa afirmativa foi de 62,77%, e ainda os que apenas discordaram foi 20,78% jovens. Este pensamento alinha-se à expectativa de maior preocupação com o planejamento futuro.

A segunda questão trazia a frase “Acho que é mais gratificante gastar dinheiro do que guardá-lo para o futuro”. A maioria, com 42,86% dos respondentes discordaram totalmente, 26,41% discordaram, outros 19,91% ficaram indiferentes, sendo conscientes da importância de guardar dinheiro.

A terceira frase “É difícil construir um plano de gastos familiares.”, causou uma divisão de opiniões. Apenas 13,42% dos jovens discordaram totalmente e outros 22,08% discordam, ou seja, possuem facilidade ao planejar os gastos familiares. Já os que concordam ou concordam totalmente, representam 22,51% e 19,91%, respectivamente, demonstrando que sentem dificuldade ao planejar gastos familiares. Essa dificuldade pode ser resultado da falta de interação familiar sobre o assunto.

Grande parte dos indivíduos com as melhores pontuações financeiras advém de uma boa gestão familiar, pois é comum que os filhos imitem os pais, resultando em uma maior facilidade para administrarem os gastos familiares quando estiverem mais velhos (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021). Entender que “os membros da família são os principais agentes de socialização à medida que as crianças crescem aprendendo com suas habilidades financeiras e abordagens para gerenciar finanças” é essencial para aumentar o nível da educação financeira (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

Na quarta questão, o maior quantitativo de respostas está centralizado naqueles 36,36% dos respondentes que são indiferentes, sobre o seguinte enunciado: “O dinheiro foi feito para ser gasto”. Entre os outros respondentes, 17,74% escolheram discordar totalmente, 18,18% discordaram, enquanto 25,24% concordam parcialmente ou totalmente que este pensamento é válido.

A quinta questão trouxe a afirmativa de que dinheiro é símbolo de sucesso, e mais uma vez a maioria optou por ficar indiferente, ou seja, 33,33% deles não concordam nem discordam. Entre os que discordaram totalmente ou apenas discordaram, tivemos o percentual de 31,60%. E, no outro extremo, 19,48% concordaram e 15,58% concordaram totalmente, pois para estes o significado do dinheiro remete ao sucesso (Trento; Braum, 2020).

A sexta questão trouxe a afirmativa: “Eu gosto de possuir coisas que impressionam as pessoas.”, e obteve-se um grande número de respondentes que escolheram a opção ‘discordar totalmente’, somando 48,92%, e na opção ‘discordo’ estão 29,44%. Aqueles que gostam de impressionar por meio dos seus bens representam apenas 6,06% na opção ‘concordo’ e 3,5% em ‘concordo totalmente’. Mesmo que a maioria seja contrária, ainda há aqueles que gastam conforme o estímulo que tiveram, como Trento e Braum (2020) destacaram, seja por uma propaganda ou a sensação ao impressionar as pessoas.

Um outro pensamento é abordado na sétima questão, a partir da afirmativa de que ter dinheiro gera sensação de liberdade. Muitos respondentes concordaram totalmente e parcialmente somando 58,44% e 25,54%, respectivamente. Por outro lado, 16,02% preferiu permanecer indiferente ou discordar dessa liberdade através do dinheiro. Este resultado também pode ser analisado com base na percepção subjetiva das pessoas em relação ao significado do dinheiro (Trento; Braum, 2020), pois enquanto para alguns traz a sensação de liberdade, para outros não.

Outra atitude foi abordada na oitava questão, expressada através da seguinte frase: “Algumas coisas não abro mão de ter/comprar, mesmo sabendo que comprometem meu orçamento”. Pensar sobre essa atitude resultou em uma nova distribuição, em que 24,67% escolheram ficar indiferentes, sendo esta a opção com maior número de respostas. Os outros jovens que escolheram discordar e discordar totalmente somam 45,01%. Aqueles que não abririam mão de realizar a compra chegam a 30,03% da amostra, indicando uma divisão entre escolher seguir o planejamento e ceder ao consumo compulsivo.

A nona afirmativa é esta: “Gosto de aproveitar oportunidades com rendimento significativo, mesmo sem entender bem sobre o tipo de investimento envolvido”. A concentração das respostas está na opção ‘discordo totalmente’, escolhido por 32,47% dos jovens e 25,97% marcaram a opção

‘discordo’. Aqueles que permaneceram indiferentes foram 24,24% podendo ser influenciados a crer ou não de que esta é uma boa oportunidade, mesmo sem entender bem do investimento.

A décima atitude quer saber se o jovem mostra sinais de nervosismo quando não tem dinheiro suficiente, e 32,47% dos respondentes concorda totalmente com esta afirmação e mais 21,21% concordaram. Em contrapartida, 29% discorda fortemente ou parcialmente que a falta de dinheiro lhe cause estresse. Diante disso, pode-se constatar que ter dinheiro é um fator de segurança no cotidiano das pessoas e a falta dele pode causar impacto no bem-estar emocional.

Na décima primeira questão, outra vez a escolha em destaque está na opção ‘indiferente’ com 27,27%, diante da afirmação de que gastar dinheiro está entre as coisas mais prazerosas da vida. Enquanto isso, 22,94% discordaram e 13,85% discordaram totalmente. O questionário incluiu novamente essa afirmação sob a perspectiva de que o significado do dinheiro é subjetivo, pois é composto por alguns componentes e entre eles está o prazer (Trento; Baum, 2020),

Na décima segunda questão, a afirmação apresentada leva o respondente a pensar se está preocupado com a possibilidade de não estar financeiramente seguro. E o destaque desta vez está na opção ‘concordo totalmente’ com 69,26% das respostas, e outros 21,64% concordaram. No entanto, 9,09% dos respondentes pensam contrariamente a esta afirmação, demonstrando pouco interesse quanto ao bem-estar financeiro futuro.

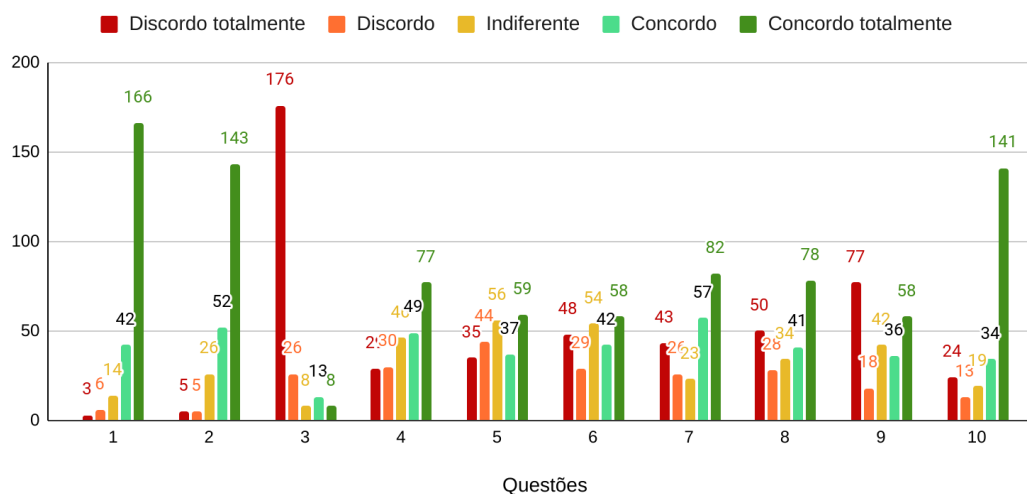
Após a análise desse aspecto, observa-se que muitos jovens podem ainda não ter uma opinião ou conhecimento suficientemente definido para tomar uma posição clara, resultando assim em muitas atitudes indiferentes, que foram influenciadas ou não por fatores emocionais, culturais ou familiares (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021).

4.3 Resultados sobre o aspecto do comportamento financeiro

O último aspecto a ser analisado apresenta dez afirmações para que os respondentes escolham dentre os 5 níveis de concordância da escala Likert, variando de ‘discordar totalmente’ a ‘concordar totalmente’. Os resultados obtidos oferecem importantes percepções sobre hábitos financeiros e refletem tanto comportamentos conscientes quanto pontos de atenção. O quantitativo de respostas para cada item pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Respostas das questões sobre o aspecto do comportamento financeiro

Questões sobre o aspecto de comportamento financeiro



Fonte: do Autor (2025). Dados da Pesquisa.

Na primeira questão, uma alternativa destaca-se com 61,9% dos jovens concordando totalmente e 22,51% concordaram parcialmente com a afirmação “Analiso minhas contas antes de fazer uma compra grande”. Esses resultados indicam que uma parcela significativa dos jovens demonstra consciência financeira e cautela antes de efetuar uma compra grande.

Na segunda questão, 61,90% das respostas eram em concordância total, e mais 22,51% concordaram parcialmente que “pagam suas contas em dia”. No entanto, um percentual de 15,58% afirmou não praticar este comportamento. Estes resultados apresentam dados diferentes do estudo feito por Johan, Rowlingson e Appleyard (2021), que identificaram o costume entre as gerações mais jovens de atrasar os pagamentos mais do que a geração anterior, por enfrentar desafios financeiros consideráveis. O baixo número de inadimplentes é um ponto positivo e evidencia um comportamento financeiro responsável neste quesito.

Na terceira questão, a maioria dos respondentes discordou fortemente desta afirmação: “Costumo fazer empréstimo para organizar as minhas contas”. Foram 76,19% das respostas em discordância total e 11,25% parciais. Entretanto, 12,55% dos jovens já recorreram a empréstimos, sendo este um comportamento preocupante, pois pode aumentar o endividamento e gerar impactos negativos, como o estresse emocional e familiar (Trento; Braum, 2020; OCDE, 2020).

Na quarta questão, os resultados são mais dispersos quanto ao comportamento de considerar opções de diversas empresas, antes de decidir utilizar os produtos financeiros e empréstimos. Em toda a amostra, somente 54,54% dos respondentes concordaram totalmente ou parcialmente, enquanto os demais não demonstraram praticar este levantamento. A ausência dessa análise, pode indicar uma

abordagem financeira pouco estratégica, resultando na perda de oportunidades e benefícios financeiros mais interessantes para alcançar seu objetivo.

Desta vez, na quinta questão, a resposta mais frequente entre os jovens foi ‘indiferente’, com 24,24% marcando esta opção quanto a esta afirmação: “Economizo meu dinheiro regularmente para atingir metas financeiras de longo prazo, como, por exemplo, a educação dos meus filhos, a compra de uma casa, a aposentadoria”. Outros 41,55% escolheram entre ‘concordo’ e ‘concordo totalmente’. Diante disso, observa-se que para a maioria falta engajamento em práticas de poupança, o que pode impactar o alcance de metas futuras. Em um estudo realizado por Vieira, Moreira Junior e Potrich em 2020, foi encontrado resultados similares, onde a maioria dos respondentes apresentou habilidades em torno da média quanto a pauta sobre economizar, mas também havia indivíduos que escolhiam não poupar, não podendo considerá-los com a mesma habilidade.

Na sexta questão, observamos que 43,29% dos respondentes concordaram parcial ou totalmente, em relação à afirmação: “Tenho um plano de gastos/orçamento”, e outros 23,37% declararam-se indiferentes. Mesmo com muitas respostas em concordância, é preocupante que 33,33% deles não pratiquem um planejamento orçamentário pessoal, sendo essa porcentagem daqueles que escolheram entre discordar ou discordar totalmente. Esse dado reforça a necessidade de desenvolver hábitos financeiros, principalmente quando são desenvolvidos durante a importante fase de transição para a vida adulta, pois tendem a permanecer com um indivíduo por toda a sua vida (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

Na sétima questão, 35,5% costumam sempre praticar o comportamento de fazer anotações e controle dos gastos pessoais, 9,9% se posicionou como indiferente, ou seja, pratica às vezes ou não e, 18,61% discordaram totalmente, sugerindo que não praticam em nenhum momento. É importante adotar um mecanismo de controle, pois para controlar os gastos e economizar, é necessário seguir um planejamento. Essas anotações e controles podem ser feitos por meio de planilhas que podem ser adaptadas conforme a necessidade do indivíduo e, assim, é possível ter um controle dos mesmos e, a partir disso, estabelecer objetivos, tanto de curto quanto de longo prazo (Medeiros; Lopes, 2014).

Na oitava questão, a afirmação é: “Analiso o custo benefício das tarifas que pago”. A maioria concordou, representando 51,51% dos respondentes, 14,72% ficaram indiferentes e os 33,77% restantes discordaram, indicando que não fazem esta análise.

A nona questão, gerou valores aproximados em cada pensamento sobre a afirmação: “Acompanho a rentabilidade dos meus investimentos mensalmente”. Nos níveis de discordância total e parcial, 41,13% se identificou com essa resposta, e nos níveis de concordância 40,69% dos

respondentes acompanhou. É importante destacar que aqueles que realizam o acompanhamento sempre ou às vezes, por apenas estarem participando do mercado de ações, indica que possuem alta educação financeira (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

E por último, na décima questão, a partir da seguinte afirmação: “Dou preferência para cartões de crédito que ofereçam mais benefícios e/ou não cobrem tarifas”, a maior concentração de respostas foi na opção ‘concordo totalmente’, em que 61,04% dos jovens afirmaram escolher os cartões com base nos benefícios.

4.4 Análise da influência dos pais no processo de alfabetização financeira dos filhos

Em todos esses aspectos, um determinante em comum pode agir com grande influência sobre os indivíduos. Muitos estudos apoiam a ideia de que as atitudes e comportamentos dos indivíduos têm grande relação com o ensinamento repassado pelos pais. A importância da socialização financeira por parte dos pais é reforçada de maneira que incentive os pais a reservarem tempo para discutir sobre dinheiro e ensinar os filhos a administrá-lo com sabedoria (Johan; Rowlingson; Appleyard, 2021). Os pais podem impactar significativamente a educação financeira de uma criança ao ensinar nuances importantes de finanças e, mais ainda, ao exibir e se envolver em comportamento financeiro positivo (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

No questionário sociodemográfico, uma das perguntas busca saber qual o nível de escolaridade dos pais do respondente. As opções de escolaridade deveriam ser escolhidas entre ensino fundamental, ensino médio, ensino superior e pós-graduação. Os resultados podem ser vistos a partir da Tabela 1.

Tabela 1 - Nível de escolaridade dos pais

Nível de escolaridade dos pais		
Escolaridade	Mães	Pais
1- Ensino Fundamental	43	66
2- Ensino Médio	104	107
3- Ensino Superior	44	32
4- Pós-Graduação	34	14
0- Não informado	6	12
	231	231

Fonte: do Autor (2025). Dados da pesquisa.

O nível com maior destaque tanto para os pais como para as mães, é o ensino médio. A quantidade de mães que estão concluindo ou concluíram o ensino médio chegou a 45,02% e os pais a 46,32%. Outro nível chama atenção com 18,61% das mães e 28,57% dos pais, que chegaram a concluir apenas o ensino fundamental. Já no ensino superior, 19,05% das mães estão nesse nível e 13,85% dos pais também.

Há um contraste na evolução dos pais em relação às mães, enquanto elas estão em níveis mais altos de escolaridade como no ensino superior e pós-graduação, os pais estão em maior número nos níveis de escolaridade mais baixos como ensino fundamental ou médio. Mireku, Appiah e Agana (2023), após a realização de uma pesquisa similar, constataram que o nível de escolaridade do pai é um dos preditores significativos de um comportamento financeiro sólido. Bem como, os que possuem pais com certificados de pós-graduação/profissional apresentam melhor opinião sobre práticas de gestão sobre as finanças pessoais.

A maioria dos estudos semelhantes, que analisam a influência dos pais na educação financeira dos filhos, não especificam a qual dos pais está se tratando, mas generaliza a responsabilidade para ambos. E quando possuem baixo conhecimento quanto às finanças por algum motivo, acabam por transferir a seus filhos hábitos errados. O papel das famílias como promotoras da educação financeira torna-se limitado porque, muitas vezes, o meio de aprendizado da gestão financeira pessoal desses indivíduos ocorre pelo simples método de tentativa e erro (Floriano; Flores; Zuliani, 2020).

Os pais nos níveis baixos deveriam ter recebido esses conhecimentos enquanto alunos, mas por muitos não avançarem nos estudos, acabam tendo que lidar com as finanças com pouco conhecimento e a experiência adquirida conforme os anos. Como consequência, podem acabar negligenciando o ensino das finanças aos filhos e acreditam que a responsabilidade seja das empregadas, babás e professores (Vanderley; Silva; Almeida, 2021).

No âmbito dos investimentos, o comportamento financeiro dos pais se torna um antecedente ao comportamento de investimento das crianças, tanto enquanto jovens quanto adultas, e ganham mais conhecimento se seus pais discutirem sobre questões financeiras com elas. Então, o comportamento financeiro dos pais se torna um precursor dos níveis de educação financeira de seus filhos (Chawla; Bhatia; Singh, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da alfabetização financeira e todos os seus aspectos, ainda é pouco disseminada no Brasil e essa desinformação resulta para muitas pessoas em endividamento, dificuldades de planejamento e mesmo estresse emocional e familiar. Diante da escassez de literatura voltada à alfabetização financeira dos jovens universitários, este artigo buscou analisar como a potencial falta desta alfabetização dentre os esses jovens pode impactar o desenvolvimento de hábitos financeiros saudáveis e conscientes ao iniciarem suas trajetórias profissionais.

Após a análise dos resultados em cada aspecto, observou-se que é baixo o conhecimento dos jovens sobre juros ou empréstimos, contudo a maioria possui noções sobre o mercado financeiro voltados para as flutuações de ativos. No aspecto do conhecimento, percebe-se que o significado que encontram no dinheiro, comprova o pensamento destacado em outros estudos de que o significado é subjetivo, sentindo-o como uma forma de poder, segurança, liberdade, sucesso, entre outros.

A forma como comportam-se completa o entendimento sobre a capacidade financeira dos indivíduos. Apesar da preocupação em seguir um planejamento financeiro, as respostas apresentam que poucos constroem o plano de gastos ou que controlam suas finanças por meio de anotações. Satisfatoriamente, os demais resultados em destaque mostram que há ainda aqueles que realizam análises antes de adquirir algo, evitam empréstimos e estão atualizados quanto aos benefícios ou tarifas ao aderir um cartão de crédito.

Assim, a avaliação do nível de alfabetização dos jovens é mediano, com base no percentual de 51,95% dos jovens que acertaram mais de 60% das questões no primeiro aspecto, demonstraram preocupação com o futuro e com planejamentos financeiros, e mais, com a necessidade de análise das finanças antes de realizar aquisições.

Dentre os fatores que podem influenciar esse nível de alfabetização financeira dos jovens, antes da fase adulta, um deles está dentro de casa: os pais. A responsabilidade é deles de apresentar e interagir com os filhos sobre assuntos financeiros, antes mesmo que eles recebam esse ensinamento fora de casa ou, tardiamente, por meio das próprias experiências, principalmente porque eles imitam os pais, sendo exemplos bons ou ruins (Medeiros; Lopes, 2014).

A grande necessidade de ampliar o alcance dos programas de ensino para novos territórios, pode ser considerado outro fator determinante para a falta de alfabetização. É importante que haja formulação de programas que abranjam diferentes contextos sociais e econômicos.

Outro fator é ter pouco ou nenhum contato com o assunto durante a fase escolar, pois as iniciativas eram pouco disseminadas e, a BNCC só homologou no ano de 2017 o documento de caráter normativo que define o conjunto de conhecimentos essenciais na grade curricular. Ou seja,

uma geração de jovens e adultos atuais não tiveram a oportunidade de receber a educação regulamentada pelo mesmo.

Ao ingressar no mercado profissional, o jovem perceberá dificuldades para se adaptar, pois também poderão surgir outros fatores que irão testar a sua capacidade financeira. Nesta fase, os jovens enfrentam a pressão da sociedade, o desafio de gerenciar a própria renda, o que requer uma reconfiguração de suas percepções sobre o valor e significado do dinheiro, muitas vezes custando tempo e recursos.

A independência financeira conquistada nesta fase, aliada ao fácil acesso ao crédito, torna essa transição ainda mais desafiadora, exigindo uma atualização rápida de suas práticas financeiras. Por ser um momento de adaptação e novidades, essa facilidade ao crédito pode desencadear um dos problemas principais dos indivíduos com baixo nível de alfabetização financeira que é o endividamento. Se não buscarem mais informações e/ou ajuda, poderá resultar em fases mais difíceis no futuro.

O presente estudo trouxe à tona importantes lacunas no conhecimento financeiro de jovens universitários, evidenciando a necessidade de intervenções educacionais que abordam desde fundamentos básicos, como juros e planejamento financeiro, até a promoção de hábitos financeiros mais conscientes. Os resultados reforçam a urgência de inserir a educação financeira de forma sistemática desde o ensino básico.

Pesquisas futuras podem explorar mais profundamente o papel das instituições de ensino na formação financeira dos jovens e investigar quais metodologias pedagógicas são mais eficazes no ensino de finanças pessoais. Além disso, recomenda-se a análise de programas educacionais voltados para pais e responsáveis, com o objetivo de fortalecer a educação financeira no ambiente familiar. Bem como, é preciso tornar mais ativas as políticas públicas, como as iniciativas preparadas pela Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, não somente nas escolas, mas também nas universidades, tanto de modo teórico quanto prático.

Diante dos achados, conclui-se que a alfabetização financeira deve ser tratada como uma necessidade urgente para promover o bem-estar financeiro e social das próximas gerações. Com uma abordagem educativa, contínua e integrada, há um potencial significativo para reverter cenários preocupantes e formar cidadãos mais preparados para enfrentar desafios financeiros de um mercado cada vez mais complexo.

REFERÊNCIAS

ANSAR, R. *et al.* Determinants of personal financial management practices among Malaysian youth. **Asian Economic and Financial Review**, v. 13, n. 12, p. 996-1007, 2023.

Estratégia nacional de educação financeira (ENEF) [livro eletrônico]: em busca de um Brasil melhor / Claudia M. J. Forte. 2. ed. São Paulo: Riemma Editora, 2021.

FERREIRA, J. B.; CASTRO, I. M. EDUCAÇÃO FINANCEIRA: Nível de conhecimentos dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v. 12, n. 1, p. 134-156, 2020.

FLORIANO, M. D. P.; FLORES, S. A. M.; ZULIANI, A. L. B. Educação Financeira ou Alfabetização Financeira: Quais as Diferenças e Semelhanças? **Revista eletrônica Ciências da Administração e Turismo**, v. 8, n. 1, p. 16-33, 2020.

JOHAN, I.; ROWLINGSON, K.; APLEYARD, L. The effect of personal finance education on the financial knowledge, attitudes and behaviour of university students in Indonesia. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 42, p. 351-367, 2021.

MEDEIROS, F. S. B.; LOPES, T. A. M. Finanças pessoais: um estudo com alunos do Curso de Ciências Contábeis de uma IES privada de Santa Maria-RS. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 7, n. 2, p. 221-251, 2014.

MÉNDEZ-PRADO, S. M. *et al.* An Assessment Tool to Identify the Financial Literacy Level of Financial Education Programs Participants' Executed by Ecuadorian Financial Institutions. **Sustainability**, v. 15, n. 2, p. 996, 2023.

METTE, F. M. B. A educação financeira como um instrumento estratégico para dar sustentabilidade ao crescimento econômico brasileiro. **International Journal of Business Marketing**, v. 1, n. 1, p. 43-52, 2015.

MIREKU, K.; APPIAH, F.; AGANA, J. A. Is there a link between financial literacy and financial behaviour? **Cogent Economics & Finance**, v. 11, n. 1, p. 1-25, abr. 2023.

NIEHUES, A. L. S. *et al.* Nível de alfabetização financeira pessoal de estudantes universitários brasileiros. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 3, p. 2814-2835, 2023.

OECD. **OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy**. [s.l.: s.n.].

Disponível em:

<www.oecd.org/financial/education/launchoftheoecdinfeglobalfinancialliteracysurveyreport.htm>.

Acesso em: 6 fev. 2024.

Oliveira, J. C. P. D. *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In *III Congresso Nacional de Educação*, Vol. 83, pp. 1-13, 2016.

PABIS, M. G.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J. Uma revisão sistemática sobre a pesquisa em Educação Financeira. **Desenvolve Revista de Gestão do Unilasalle**, v. 11, n. 1, 2022.

SILVA, F. D.; VALADÃO, N. Percepções de jovens estudantes sobre a educação financeira: um estudo em Barra do Garças-MT. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 179-196, 2017.

SILVA, G. O. *et al.* Alfabetização Financeira versus Educação Financeira: Um Estudo do Comportamento de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 3, p. 279-298, 2017.

SHIH, T.; KE, S.. Determinates of financial behavior: insights into consumer money attitudes and financial literacy. **Service Business**, v. 8, n. 2, p. 217-238, 2014.

TRENTO, T. R.; BRAUM, L. M. S. Desenvolvimento e validação de conteúdo de uma escala de mensuração da alfabetização financeira. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 20, n. 39, p. 133-160, 2020.

VANDERLEY, M. S.; SILVA, J. G.; ALMEIDA, S. A. Educação financeira na infância e adolescência e seus reflexos na vida adulta: uma revisão de literatura. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 20, 2021.

VIEIRA, K. M.; MOREIRA JÚNIOR, F. J.; POTRICH, A. C. G. Measuring financial literacy: proposition of an instrument based on the item response theory. **Ciência e Natura**, v. 42, n. 1, p. 1-34, 29 dez. 2020.

ZAIMOVIC, A. *et al.* Mapping financial literacy: A systematic literature review of determinants and recent trends. **Sustainability**, v. 15, n. 12, p. 9358, 2023.